

Um dos pais da nossa democracia, o missionário espiritano, Pe. Joaquim Alves Correia, publicou no ano de 1931 um livro de grande actualidade, assim intitulado: “A largueza do reino de Deus”. Este título mereceu ao seu autor o epíteto de “Padre Larguezas”. Um dos capítulos desse precioso livro é o seguinte: “Católicos militantes e católicos valentões”.

CATÓLICOS MILITANTES: “Viver o Evangelho como ele é, não o renegar para condescender com a sociedade, pregá-lo como ele é, oportuna e inoportunamente, eis a luta que postula no homem mais valor, mais força de vontade... Ninguém imagina, sem ter experimentado primeiro, quanto esforço, quanta coragem, quanto brio e denodo militante precisa o homem de desenvolver, para se manter à altura deste programa”.

CATÓLICOS VALENTÕES: “Talvez por isso, preferem muitos cristãos outro género de valentia, que é a das manifestações de fé, a das paradas religiosas com velas e bandeiras. Boas coisas são essas, quando realmente o fervor, a expansividade da devoção, as inspira, sem arrogância nem prurido de exibição. Mas que não valham tantos como aquela religião sóbria de que falamos de princípio, podia confirmá-lo o facto de serem às vezes os mais ardorosos para elas muitos dos que não têm coragem para a prática da religião das obras”.

Numa palavra, para o Pe. Joaquim Alves Correia, os CATÓLICOS MILITANTES são todos esses homens e mulheres que vivem profundamente a sua identidade cristã no sossego de suas casas e no ruído das ruas; no rosto que suporta o desprezo e na voz que explica a fé; na mão que é solidária e no ombro que suporta o andor. Os CATÓLICOS VALENTÕES são todos os guardiões das tradições religiosas que correm de um lado para o outro nos meses de verão e que entram em hibernação de fé quando o santo da derradeira romaria do mês de Agosto (ou Setembro) recolhe à igreja.

Como escrevia Aristides Neiva, no Jornal Acção Missionária (Junho de 2014), “chegado o verão, vai o povo para o sol. Vai o povo e vão os santos, como se vê de norte a sul. É o tempo das festas e romarias. É o tempo em que os santos saem à rua e a rua entra na igreja a ver os santos. Descobrimos, de repente, que somos mais do que pensávamos, ou pensávamos menos o que eramos. Ao vermos as procissões “majestosas” ou modestas, o fervor e a devoção, damo-nos conta de que afinal somos muitos. Ainda que sazonalmente, é certo”.

Guiados por São João, contemplemos neste dia essa “multidão imensa que ninguém podia contar e que provinha dos quatro cantos da terra...” Esta multidão incontável não é uma multidão sazonal. Também não estão ali os “católicos valentões”. Esta multidão é composta pelos “católicos militantes”, homens e mulheres de corpo dorido pelas agruras da vida, mas com os olhos cintilantes de alegria e com a alma em festa. Contemplamos hoje os santos anónimos. Os santos do quotidiano. Homens e mulheres que encarnaram o “Sermão da Montanha”, que há poucos minutos escutamos no Evangelho.

Gostaria que centrássemos hoje a nossa atenção nos seguintes grupos de santos anónimos e esquecidos, os santos do quotidiano. Dentre muitos outros, quero destacar seis.

As MULHERES SANTAS, vítimas de violência doméstica, violentadas psicológica e fisicamente, torturadas e assassinadas por escroques asquerosos sem escrúpulos nem os mais elementares princípios éticos. Estas encarnaram a bem-aventurança: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”.

Os PAIS SANTOS que, após uma vida de canseiras, morreram na mais absoluta solidão, fosse ela debaixo do tecto que edificaram com sangue, suor e lágrimas, ou então na “gaiola dourada” de um lar de acolhimento que de acolhedor nada tinha. Estes encarnaram aquela palavra do “sermão da montanha”: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”.

Os MÉDICOS e ENFERMEIROS SANTOS que, no meio do bulício dum grande hospital, nos centros de saúde das nossas aldeias ou no interior profundo votado ao mais absoluto abandono pelo poder central do Terreiro do Paço, serra acima serra abaixo, foram um sorriso de Deus no meio dos homens e mulheres sofridos e sofredores. Eles encarnam a palavra do Mestre: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus”.

Os PROFESSORES SANTOS, homens e mulheres a quem o Estado, tantas vezes, trata como se fossem um molho de palha, que os pais não respeitam, mas que, até ao fim, foram essas “sentinelas vigilantes” e que jamais deixaram de sonhar com o dealbar de uma sociedade mais equitativa e mais humana. Esses encarnaram a palavra da montanha: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”.

Os AUTARCAS SANTOS. Normalmente a comunicação social (escrita e falada) refere os autarcas pelas piores razões: peculato, abuso do poder, falta de transparência na gestão dos dinheiros públicos... Mas há os outros, em número muitíssimo mais elevado: os que, no silêncio, fizeram da sua missão um genuíno sacerdócio, que não enriqueceram (bem pelo contrário), que nunca se sentaram orgulhosamente na cadeira da presidência. Muitos deles nem sequer tiveram uma sede da Junta de Freguesia, e a cadeira da presidência foi um toско e carcomido banco de pinho! Estes são os que se nortearam pelas palavras do Rabi da Galileia: “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”.

Os BOMBEIROS SANTOS, esses homens e mulheres olvidados na maior parte dos meses do ano, dos quais tantas vezes nos esquecemos. Quantos deles morreram tragicamente, em circunstâncias arrepiantes, numa tão nobre e heróica missão. Lembro, a título de exemplo: um grupo de bombeiros que pereceram carbonizados na serra de Sintra; vários elementos da corporação de Armamar; as vítimas do grande incêndio da Serra do Caramulo... Estes encarnaram a palavra de Jesus: “bem-aventurados os humildes, porque possuirão a terra”.

Estes e muitos outros fazem parte dessa multidão imensa que ninguém podia contar e que provinha dos quatro cantos da terra! Os santos anónimos. Os santos do dia a dia. Os santos CATÓLICOS MILITANTES que se recusaram a ser

CATÓLICOS VALENTÕES, guiados pela palavra tantas vezes repetida no Livro do Levítico: “Sede santos, porque eu, o vosso Deus, sou santo”.